

**Oficina corpos poéticos
performance, poesia e a politecnia como antídoto
à domesticação dos corpos.**

Helena Vieira
Professora Dra.
em Artes Cênicas
na EPSJV/FIOCRUZ ¹

RESUMO

À luz dos conceitos de Educação Politécnica e Omnilateralidade, este trabalho apresenta um relato reflexivo da experiência docente no ensino de Artes Cênicas para jovens que estão ingressando no ensino médio, em sua maioria egressos da rede pública municipal. O estudo aborda os caminhos percorridos na reflexão sobre questões multiculturais e multiétnicas, a partir da escolha de materiais para o ensino de Artes Cênicas em uma escola técnica da área da saúde, responsável pela formação de trabalhadores para o SUS.

As reflexões em sala de aula têm origem na observação do corpo discente que ingressa na escola em um contexto marcado pelas novas tecnologias e pela influência das igrejas pentecostais. Propomos, assim, um processo investigativo baseado na análise dos materiais pedagógicos utilizados em aula, com o objetivo de refletir, sobre uma mudança de paradigma: o acesso mais democrático à educação promovendo transformações no ensino das artes nas escolas públicas e periféricas.

Palavras-chave: Educação Básica. Politecnia. Omnilateralidade. Artes Cênicas.

Introdução

Professora, vocês aqui nos ensinam a ter um pensamento crítico para que possamos sair do lugar que estamos, conquistar espaços, etc. Mas eu tenho curiosidade em saber como é a educação dos que já têm tudo, que não precisam mais chegar a lugar nenhum, que já nasceram com seus espaços conquistados? Como é estar nesse lugar?
(M.F.V.S)

Essa pergunta feita por uma estudante de 15 anos do 1º ano do ensino médio representa uma materialização dos conceitos de *politecnia* e *omnilateralidade* sobre

¹ Helena Vieira é especialista em Arte-Educação (UFRJ), Dra. em Artes Cênicas (UNIRIO). Atriz e bailarina, atualmente é professora-pesquisadora na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). <https://lattes.cnpq.br/036083107893956>

o qual nos debruçamos. São conceitos marxistas abraçados pelas pautas de esquerda do final dos anos 80/90, final da ditadura civil-militar no Brasil, tempos portanto de abertura, de sonhos e de utopia. Foi nesse tempo que a escola objeto dessa experiência é inaugurada. Ela é fruto de um sonho que nasce em um encontro na mesa de um bar, numa conversa entre Sergio Arouca, Luís Fernando Ferreira e Arlindo Fábio. Ninguém era da área de educação, mas tinham um sonho de unir saúde e educação pública e tornar o acesso à formação de saúde mais democrático. Estávamos em 1985, década marcada pela atuação dos movimentos sociais e sindicais na luta contra a repressão e a censura, visando a redemocratização da sociedade brasileira. No campo da educação, a luta era contra a Teoria do Capital Humano, uma perspectiva restrita e economicista da formação, na qual as pessoas são entendidas como recursos humanos e mão de obra a ser explorada, adestrada. Indo de encontro a essa ideia defende-se a Educação Politécnica para a formação omnilateral da massa de trabalhadores em múltiplas dimensões: prática, intelectual, física, política, ética e estética.

Quando se pensou *na Politecnia*, tratava-se de uma proposta educacional para ser instrumentada no momento da opressão em que estão submetidos os trabalhadores, ou seja, enquanto as relações de trabalho se dão na coexistência das relações burguesas e capitalistas. Não se trata de pensar em formação polivalente, mas, sim, de uma formação técnica e política, prática e teórica para os trabalhadores. Já a omnilateralidade, outro conceito marxista, foi idealizada para quando o tempo das relações capitalistas já estivessem superadas. (Dicionário da Educação profissional em Saúde, 2009, p. 287-291).

Embora ambos os conceitos sejam da práxis revolucionária, manifestam-se em diferentes estágios históricos da vida social.

A politecnia não tem como condição para existir a ruptura ou superação das determinações históricas da sociedade do capital. Eles significam tentativas de pensar uma formação mais elevada dos filhos dos trabalhadores em relação às demais classe sociais. (idem, p. 288).

O objeto desse artigo é um relato de experiência à luz desses conceitos marxistas, omnilateralidade e politecnia, conceitos que estruturaram o perfil político e pedagógico nesta instituição em que nossa experiência de ensino artístico se situa.

Para Marx, a educação politécnica não é utopia da criação de um indivíduo ideal, desenvolvido em todas as suas dimensões. Mas é antes, dialeticamente e ao mesmo tempo, uma virtualidade posta pelo desenvolvimento da produção capitalista e um dos fatores em jogo na luta política dos trabalhadores contra a divisão capitalista do trabalho. (idem, p. 288).

Mas que tempos são os de hoje? Ainda há espaço para a utopia? Essas são algumas das reflexões que nos ensejaram escrever esse trabalho. Pretendemos refletir nosso ensino de artes, tomando de empréstimo a omnilateralidade de Marx nas dimensões humanas, quando *a ética e a moral* de nossos tempos desafiam imensamente *a estética e o sensorial* desse corpo discente cada vez mais forjado pelas novas tecnologias e pensamento das igrejas pentecostais. Portanto, é com espanto e alegria, que ouvimos a reflexão da estudante.

A experiência: corpos poéticos

Iniciamos no ano de 2024 um componente curricular chamado *Corpos Poéticos*, oferecida uma vez por semestre a estudantes de 2º ano do ensino médio, para juntar as experiências poéticas que envolvessem o fazer artístico e o de docência. Ao experimentar um ambiente diferente das nossas práticas regulares, não era aula de teatro, nem tampouco de poesia (área de conhecimento da outra professora), mas uma atividade que dialogava com o fazer artístico dos estudantes. A princípio pretendíamos unir nossa prática do teatro, da dança, da performance e da poesia contemporânea. Aos poucos, começamos a integrar também o fazer artístico de outros docentes e discentes.

Esse movimento foi ocorrendo de forma natural, espontânea, em reuniões semanais para planejar a aula. Acreditamos que as artes trazem potência crítica ao modelo hegemônico e possibilitam vislumbrar outros caminhos. Procuramos pensar/sentir essas questões através de várias linguagens: na literatura, no teatro, na dança, no cinema e nas nossas próprias experiências.

Pretendíamos pensar através das artes como as diversas instituições (a família, a escola, o hospital, entre outras) contribuíram/contribuem para controlar os

nossos corpos. Também analisar os diversos matizes (raça, gênero e classe) que se entrecruzam nessa configuração e suas resistências ao modelo imposto.

Nosso ponto de partida foram as pinturas de Jean Michel Basquiat (pintor negro norte-americano que começou a ficar conhecido no final dos anos 1970 em Nova York e morreu cedo, de overdose, aos 27 anos, em 1988), lemos o conto *O rabisco*, de Giovanne Martins (autor de *O sol na cabeça*, de 2018) e assistimos um vídeo em que ele conta sua trajetória escolar fracassada e de como a leitura e a escrita entraram em sua vida. A partir dessa vivência discutimos com os estudantes os conceitos citados acima, politécnia e omnilateralidade, para falar do capital, do sistema educacional, das relações trabalhistas etc.

O que os *corpos poéticos* integram?

A escrita de si. Através de experiências com os estudantes sobre a escrita poética do *Rap* e da *Escrevivência* (termo cunhado por Conceição Evaristo que significa falar de si, contar a sua história que, para ela, está relacionado à vivência da mulher preta). Entregamos aos estudantes um pequeno caderno confeccionado com folhas A4 e pedimos que criassem cada um a própria capa a partir de colagens. Como um diário, esse caderno continha todas as atividades de escrita e leitura que íamos propondo. Nossa 1ª proposta foi pedir para escrever sobre a história do seu nome; qual o significado, quem o escolheu, e se tinha apelidos. A partir das respostas criaram uma poesia. Em outro encontro, abordamos a dupla face da educação que gera submissão e emancipação dos seres humanos. Para esse momento, convidamos o professor e artista do Rap, Flávio XL, e a estudante K.S, dançarina de rap e *b-girl*, para demonstrar os passos da dança Break.

*A marra de vocês só distancia
Nem conta como Vitória
Da população que chora
Cês mantém anestesia
Que favela vence agora?
Com guerra de facção
As operações pioram
Quem vende essa munição?
(Flávio XL)*

Acima o Rap do colega professor e rapper Flavio Paixão. Na aula seguinte, fizemos um roteiro para análise da poesia: qual o principal assunto? Se tem um

assunto secundário, qual é? O que observaram da linguagem do poema? E da parte formal da escrita? Depois, escolheram uma ou duas frases dessa poesia e, por último, pedimos que acrescentassem essas frases à pequena sequência de passos de break dance ensinada pela estudante K.S.

Quando falamos em corpo, o lugar de onde entramos em contato com o mundo, sempre atravessado por forças políticas, econômicas e históricas que, em grande medida, cerceiam nossas potências. Ao acrescentar o poético a esses corpos, estamos apostando na nossa capacidade de driblar a normatização da vida. Entendemos poesia em sentido amplo, acreditando que ela está presente em paisagens, pessoas, fatos, entre outras coisas que nos fazem estranhar o nosso dia a dia. Nessa disciplina as várias formas de linguagem encontram um lugar para questionar a domesticação das relações de trabalho na sociedade capitalista.

Voltando ao conceito que originou nosso trabalho, relacionamos a prática ao conceito de Omnilateralidade: o ser humano completo; ciência, cultura e trabalho ligados, e não separados (o trabalhador do capital).

Refletimos em como a educação, o trabalho e a saúde fazem parte dessa construção, conformando sujeitos mais adequados à sociedade capitalista. Porém percebemos a potencialidade que tínhamos à mão quando trazíamos colegas docentes para apresentar seus trabalhos autorais, trabalhos para além da docência e em como isso alimentava às insurgências contra essas formas de conformação.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França, Org. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.
Programa exposição Poli 40 anos [livro40anospoli.pdf](#)
MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. Cia das letras, 2018, São Paulo.